

*para k*

**Paloma Vidal**

*Universidade Federal de São Paulo*

leio e reviso o texto dela  
que lê o texto de outra.  
*eso es hablar de la muerte?*  
a literatura foi perfurada  
pelas mensagens que agora nos ligam  
porque a morte vem de longe  
e em outra língua  
estrangeira  
e nossa.  
leio e reviso o texto dela  
traduzido por outra.  
*eso es hablar de la muerte?*  
enquanto isso ela me manda mensagens  
para dizer que não dá mais  
que é demais  
que é horrível tudo  
que acorda de madrugada e lembra  
dos versos de darío:

*dichoso el arbol que es apenas sensitivo.*

leio e reviso o texto dela

que traduz o luto de outra.

*eso es hablar de la muerte?*

deixo o verso assim

sem tradução

em itálicos.

a literatura foi perfurada.

ela chora, eu choro

na nossa língua.

choro na rua, no supermercado,

no estacionamento.

a mãe da minha mãe, a mãe dela,

a mãe da outra

as três cabem apertadas

no banco de trás do meu uno branco.

como fiz algum dia com minhas bonecas,

levo as três para passear.

pelo retrovisor vejo que se divertem

quando o carro se põe em movimento.

Tive contato com a poesia da argentina Tamara Kamenszain pela primeira vez em 2003, quando Carlito Azevedo me convidou para traduzir com ele o livro *El ghetto*, que saiu como encarte do nº 14 da revista *Inimigo Rumor*, dedicado à poesia em prosa. Depois disso, traduzi *El eco de mi madre* (2010) e, também com Carlito, *El libro de los divanes* (2015), ambos lançados pela editora 7Letras. Em 2012, Tamara publicou sua poesia reunida, com o nome *La novela de la poesía*. Esse era o título também do poema que fechava o volume, inédito até então. Ele começava com os seguintes versos, que agora traduzo: “Já falei da morte?/ Morreu meu irmão/ morreram meus pais/ morreu o pai dos meus filhos/ tantos amigos morreram/ e eu disse e eu digo que já não estão./ Isso é falar da morte?”